

Bases teóricas e metodológicas para o inventário de candidatos a homônimos destinados a dicionários pedagógicos

Theoretical and methodological bases for the inventory of candidates to homonyms intended for pedagogical dictionaries

Bases teóricas y metodológicas para el inventario de candidatos a homónimos destinados a diccionarios pedagógicos



Renato Rodrigues-Pereira

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil.
astrolabiorrp30@gmail.com



Odair Luiz Nadin

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras (FCL), Araraquara, São Paulo, Brasil.
odair.lluiz@gmail.com

Resumo: Ao analisarmos os valores semânticos de unidades léxicas (UL) com o objetivo de identificar casos de homonímia para um determinado repertório lexicográfico, podemos optar por critérios de natureza diacrônica ou sincrônica. Vários são os princípios epistemológicos e, por isso, o ato de definir uma lexia como homonímia requer decisões teóricas e rigorosa metodologia. Com este artigo, ao orientarmo-nos por princípios teóricos e metodológicos da Semântica e da Lexicografia Pedagógica (LEXPED), apresentamos as bases teóricas e metodológicas utilizadas na pesquisa empírica que realizamos com o objetivo de demonstrar a possibilidade de considerar a abordagem sincrônica para a definição de Unidades Léxicas Homônimas (ULH) no processo de inventário de candidatos a homônimos para comporem a nomenclatura de dicionários pedagógicos.

Palavras-chave: Homonímia; Lexicografia Pedagógica; Pesquisa semântica; Léxico.

Abstract: When analyzing the semantic values of lexical units (UL) in order to identify homonymy cases for a given lexicographic repertoire, we can choose criteria of a diachronic or synchronic nature. There are several epistemological principles, so the act of defining a lexia as homonymy requires meaty theoretical foundation and rigorous methodology. With this article, as we are guided by theoretical and methodological principles of Semantics and Pedagogical Lexicography (LEXPED), we present the theoretical and methodological bases used in the realized empirical research to demonstrate the possibility of considering the synchronic approach to the definition of homonymous lexical units in the homonyms candidate inventory process to compose the pedagogical dictionaries nomenclature.

Keywords: Homonymy. Pedagogical Lexicography. Semantic research. Lexicon.

Resumen: Cuando se realiza un análisis de valores semánticos de Unidades Léxicas (UL) con el objetivo de identificar candidatos a homónimos destinados a un repertorio lexicográfico específico, podemos optar por criterios de naturaleza diacrónica o sincrónica. Diversos son los principios teóricos y, por ello, el hecho de definir una lexía como homonimia requiere opciones teóricas y metodológicas objetivas y bien fundamentadas. Con este artículo, nos orientamos por los principios teóricos y metodológicos de la Semántica y de la Lexicografía Pedagógica (LEXPED), como forma de presentar las bases teóricas y metodológicas utilizadas en la investigación empírica que realizamos, así como la posibilidad de considerar el enfoque sincrónica para la definición de Unidades Léxicas Homónimas (ULH) en el proceso de inventario de candidatos a homónimos para componer la nomenclatura de diccionarios pedagógicos.

Palabras clave: Homonimia. Lexicografía Pedagógica. Investigación semántica. Léxico.

Submetido em 16 de julho de 2019.

Aceito em 31 de outubro de 2019.

Publicado em 04 de abril de 2020.

Introdução

O processo de identificação de formas homônimas para compor a nomenclatura dos diferentes repertórios lexicográficos existentes tem levado estudiosos a realizar importantes reflexões sobre quais critérios utilizar para o estabelecimento de uma Unidade Léxica¹ (UL) como um caso de homonímia ou de polissemia. As reflexões sobre a problemática tornam-se uma necessidade maior na medida em que, na elaboração de um dicionário, levam-se em conta o público-alvo da obra e suas necessidades enquanto consultantes nos distintos contextos existentes, sejam eles escolares ou não.

Caso se trate da elaboração de uma obra lexicográfica de cunho etimológico, por exemplo, a definição de homonímia pelo viés diacrônico resulta salutar, visto que, pela natureza do dicionário, o estudo das origens da palavra é uma necessidade. O mesmo pode acontecer com dicionários gerais de língua, cujo objetivo principal é repertoriar o maior número possível de unidades léxicas da língua em suas múltiplas informações linguísticas e extralinguísticas. No domínio da Lexicografia Pedagógica (LEXPED), alguns pesquisadores defendem a abordagem sincrônica para a representação da homonímia em dicionários direcionados a aprendizes de línguas, a exemplo de Biderman (1991), Clavería e Planas (2001), Castillo Carballo (2003), Zavaglia (2011), Pereira (2018), entre outros.

Neste artigo, apresentamos as bases teóricas e metodológicas que nos orientaram na realização da pesquisa semântica² que executamos com a intenção de verificar a possibilidade de considerar a abordagem sincrônica para a definição de uma lexia como Unidade Léxica Homônima (ULH) no processo de elaboração de di-

1 No contexto dos Estudos do Léxico, o termo *unidades léxicas* corresponde a uma, duas ou mais palavras que juntas possuem unidade de sentido. A esse respeito, sugerimos a leitura de Morante Vallejo (2005) e Biderman (2005).

2 O estudo apresentado com este artigo é resultado de um recorte da pesquisa de tese de doutorado *O dicionário pedagógico e a homonímia: em busca de parâmetros didáticos* (PEREIRA, 2018), produzida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP/FCLAr. Em continuação à pesquisa semântica, realizaremos mais duas etapas, a saber: i) pesquisa com falantes nativos da língua espanhola, mais especificamente com alunos da UNC - Universidade Nacional de Córdoba/Argentina, a partir de parceria estabelecida entre essa universidade e a UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, via Projeto Lexicografia Pedagógica: elaboração do dicionário monolíngue de formas homônimas em espanhol para aprendizes brasileiros, sob nossa coordenação; ii) pesquisa com falantes nativos da língua portuguesa, variante brasileira. Para essas duas etapas, estamos utilizando a ferramenta *Formulários Google*, disponível no *Google Drive*. Desse modo, os informantes podem responder ao questionário de nossa pesquisa a partir de qualquer computador ou smartphone.

cionários pedagógicos. Nesse contexto investigativo, objetivamos: i) verificar em que medida os informantes diferenciam uma ULH de uma unidade léxica polissêmica, a partir da aplicação de questionário elaborado a esse fim; ii) demonstrar a pertinência, ou não, de critérios de natureza sincrônica para a definição de homonímia destinada a dicionários pedagógicos de línguas. Para tanto, orientamo-nos por princípios teóricos e metodológicos da Semântica e da Lexicografia Pedagógica

Da homonímia e seus critérios de definição

Discorrer sobre qual ou quais critérios utilizar para definir uma UL como homonímia ou polissemia não costuma ser uma tarefa simples. Muitos são os critérios e, conseqüentemente, muitas são as possibilidades disponíveis aos olhos do pesquisador que busca a melhor ou mais adequada forma de realizar o seu trabalho investigativo.

Começamos nossas reflexões com Ullmann (1964, p. 364-374), que, ao discorrer sobre a compreensão do processo gerativo de ULH, apresenta-nos três processos geradores: 1) Convergência fonética; 2) Divergência semântica; e 3) Influência estrangeira.

Em relação ao processo 1), o autor atribui ao desenvolvimento de sons convergentes a causa mais comum de homonímia por convergência fonética. A coincidência à qual se refere o autor pode dar-se tanto na língua falada quanto na escrita, a saber:

Antigo inglês *melo* > *meal* "farinha"

Antigo inglês *mã* > *meal* "refeição" /mi:l/

Antigo inglês *mete* > *meat* "carne"

Antigo inglês *mêtan* > *meet* "encontrar" /mi:t/

Antigo inglês *metan* > *mete* "dividir, servir em porções"

(ULLMANN, 1964, p. 365).

Dispomos aqui de um desenvolvimento de sons convergentes, ou seja, quando dois ou mais itens lexicais tiveram formas diferentes no passado e que coincidem na língua falada e escrita em uma sincronia. Isto é, se realizamos uma investigação diacrônica com o objetivo de tentar definir uma unidade léxica como homônima, precisamos verificar se duas ou mais palavras ao serem idênticas em um determinado momento, numa perspectiva sincrônica, foram, em suas origens, diferentes. Se com tal investigação ficarem evidentes essas características, temos então um caso típico de homonímia numa perspectiva diacrônica.

Quanto à divergência semântica, segundo critério, ela é provocada pelo desenvolvimento de sentidos divergentes. De acordo com Ullmann (1964), esse fato ocorre “quando dois ou mais significados da mesma palavra se separam de tal modo que não haja nenhuma conexão evidente entre eles”, de forma que “a polissemia dará lugar à homonímia e a unidade da palavra será destruída” (ULLMANN, 1964, p. 368). O autor ressalta ainda que esta forma de homonímia resulta da réplica exata dos também conhecidos *homônimos reinterpretados*, que numa perspectiva sincrônica um significante opera em direções opostas, ainda que a diferença de significado não seja muito grande, pois “o locutor moderno, desconhecedor de etimologias, estabelecerá uma relação entre eles sobre bases puramente psicológicas” (ULLMANN, 1964, p. 340).

Para estudiosos defensores de outros processos geradores de ULH, a exemplo de Werner (1982) e Porto Dapena (2002), sobre os quais discorreremos na sequência deste texto, a *divergência semântica* resulta num empecilho para que se possam resgatar as várias polissemias de uma mesma palavra. Nós, porém, respaldados por Biderman (1984, 1991, 1998), Zavaglia (2003), entre outros, defendemos ser possível a delimitação de unidades léxicas como casos de homonímia ou de polissemia numa perspectiva sincrônica.

No processo 3), Ullmann (1964, p. 373) esclarece que a influência estrangeira é, na verdade, “uma forma especial de desenvolvimentos fonéticos convergentes”. Ocorre “quando uma palavra de

empréstimo se estabelece com firmeza no seu novo ambiente e adapta-se ao sistema fonético local e participará posteriormente das mudanças normais de sons”. Consequência disso é que a forma emprestada pode vir a coincidir com outras palavras da língua de origem.

Para o linguista supracitado, a influência de uma língua estrangeira pode também levar à homonímia por um caminho diferente, o do *empréstimo semântico*. Para o pesquisador, é um processo raro, mas alguns exemplos podem ser mencionados, de forma que “sobre o modelo dos homônimos alemães *Schloss* ‘castelo’ e *Schloss* ‘fechadura’, têm-se em checo e polaco a palavra *zamek* para designar ‘fechadura’ e também ‘castelo’” (ULLMANN, 1964, p. 373).

Lyons (1977), a seu tempo, apresenta-nos alguns critérios de delimitação entre homonímia e polissemia. Muitos critérios, como o etimológico, os da maximização da homonímia e da polissemia, são discutidos pelo autor. Sobre o critério diacrônico, o pesquisador observa:

Um critério, feito explicitamente na informação etimológica anexada em muitas entradas de dicionário, é o conhecimento do lexicólogo sobre a derivação histórica de palavras. Esse critério geralmente é aceito como uma condição suficiente, embora não necessária, que os lexemas em questão devem ter desenvolvido a partir do que eram para lexemas distintos em alguns estágios anteriores da língua³ (LYONS, 1977, p. 550, tradução nossa).

Frente a apresentação desse critério, Lyons (1977) utiliza o exemplo *porto* – vinho e *porto* – cidade portuguesa para argumentar contra o critério etimológico, pois, segundo ele, “se falarmos que porto 1 e porto 2 são etimologicamente relacionados, então, depende de quão longe nós estamos preparados para ir, quando

³ One criterion, which is made explicit in the etymological information that is appended to many dictionary entries, is the lexicographer’s knowledge of the historical derivation of words. It is generally taken to be a sufficient, though not a necessary, condition of homonymy that the lexemes in question should be known to have developed from what were for all y distinct lexemes in some earlier stage of the language (LYONS, 1977, p. 550).

temos as evidências, em traçar a história das palavras⁴ (LYONS, 1977, p. 551, tradução nossa).

Traçar a história das palavras interessa aos estudos diacrônicos porque desvela muito sobre processos morfológicos, bem como sobre a história sócio-linguístico-cultural de um povo. No entanto, as investigações nesse âmbito não costumam ser muito produtivas, em termos quantitativos, como ressaltam Biderman (1991), para quem “os estudos etimológicos sobre o léxico português são pobres e precários, não fornecendo bases científicas seguras para o estabelecimento do étimo de grande número das palavras da língua portuguesa” (BIDERMAN, 1991, p. 287).

Com base em nossas análises⁵, percebemos que muitos linguistas e lexicógrafos acabam não optando pelo critério etimológico no momento de inventariarem homônimos para dicionários. A alegação mais recorrente, com base nos postulados da sincronia é a de que:

Para o falante nativo é normalmente desconhecida a etimologia das palavras que ele utiliza e sua interpretação é indiferente (exceto quando ele está sendo arrogante ou explorando certos aspectos da etimologia para fins estilísticos)⁶ (LYONS, 1977, p. 551, tradução nossa).

Em suma, na visão de Lyons (1977, p. 27) e numa definição comum do fenômeno homonímico, podemos definir o termo homônimo como palavras que têm a mesma forma, mas diferem no significado, e não somente pelo fato de terem significados diferentes, mas por serem completamente estranhos um ao outro é que são homônimos.

Werner (1982), por sua vez, ao discorrer sobre a distinção entre homonímia e polissemia, e também a respeito do proces-

4 “Whether we say that ‘part1’ and ‘part2’ are etymologically related, therefore, depends upon how far we are prepared to go, when we have the evidence, in tracing the history of words” (LYONS 1977, p. 551).

5 Conferir Pereira (2018).

6 For the native speaker is generally unaware of the etymology of the words that he uses and his interpretation of them is unaffected (except when he is being pedantic or exploiting certain aspects of their etymology for stylistic purposes) (LYONS, 1977, p. 551).

so de lematização dessas unidades léxicas em dicionários, apresenta-nos alguns critérios para diferenciar esses dois fenômenos. Dentre eles, destacamos dois: 1) critério etimológico; 2) critério da consciência linguística dos usuários.

Em 1), segundo o autor, a homonímia acontece quando os diferentes conteúdos correspondem a significantes iguais, desde que, em suas origens, tiveram significantes diferentes. A polissemia, diferentemente, ocorre quando distintos conteúdos correspondem a significantes iguais, desde que, a partir de um ponto de vista diacrônico, tenham uma origem idêntica. Temos, pois, casos de convergência diacrônica no plano da expressão e divergência no plano do conteúdo, respectivamente.

No critério 2) o pesquisador ressalta existir a homonímia quando o falante não estabelece nenhuma relação entre os diferentes conteúdos de uma única forma no plano da expressão e, de forma oposta, há a polissemia quando na consciência do falante existe uma relação entre os diferentes conteúdos que podem corresponder a somente uma forma no plano da expressão. Em Werner (1982), para uma distinção científica entre homonímia e polissemia, tal critério não é pertinente, ou seja, é pouco científico, uma vez que não se pode determinar de forma objetiva o que o falante de uma língua pode ou não estabelecer como relação a uma determinada unidade linguística.

Seguindo os pressupostos teóricos da semântica estrutural, Werner (1982) propõe a identificação de elementos comuns de sememas para os casos de identidade no plano da expressão e, diferentemente, a divergência no plano do conteúdo. Desse modo, por um lado haveria homonímia quando, no plano do conteúdo, esses sememas não possuísem nenhum sema em comum e, por outro, haveria polissemia quando a uma única forma correspondessem vários sememas que possuísem pelo menos um semema em comum, no plano da expressão.

Em se tratando da elaboração de dicionários e numa perspectiva sincrônica, Biderman (1984) trata dos fenômenos da homonímia e da polissemia apontando-os como alguns dos proble-

mas que interferem na elaboração de obras lexicográficas, pois influenciam questões relacionadas à extensão da macroestrutura do dicionário.

No tocante à homonímia e à polissemia, em especial, Biderman (1984) assevera que são problemas que interferem na microestrutura do dicionário. Com as palavras da pesquisadora, explicita-se que a tese da consciência do falante adquire um lugar de destaque. Ao justificar a prática moderna, a autora argumenta que:

Na moderna lexicografia, sobretudo aquela que se faz na França, o procedimento tem sido considerar homônimas palavras de grafia idêntica (mesmo significante) e significados muito distintos, a ponto de ser difícil para o falante identificar semas comuns aos dois ou mais homônimos (BIDERMAN, 1984, p. 143).

Nessa mesma linha de raciocínio, Biderman (1991) faz referência ao trabalho de Soares da Silva, que submeteu vinte e quatro falantes da língua portuguesa, estudantes de Humanidades da Universidade Católica de Braga, a testes de identificação de unidades ambíguas. Soares da Silva

[...] elaborou uma série de frases sobre 100 significantes problemáticos (substantivos, adjetivos, verbos), sentenças essas dispostas em pares. Dessas 100 apenas 13 são classificadas como homônimas pelo Aurélio. Esses sujeitos examinaram os pares de frases e foram assinalando os graus de similaridade numa escala de 0 a 4, levando em consideração a palavra-chave em pauta. Tal escala marcava: 1) ausência total de semelhança de sentido (0) palavras homônimas; 2) graus diversos de similaridade semântica (1 a 4) palavras polissêmicas. O resultado da pesquisa mostrou que há um alto grau de acordo entre os falantes na discriminação destas duas categorias: média de 78%. E nunca ocorreu um desacordo grande entre os falantes, ou seja: um acordo inferior a 50% (BIDERMAN, 1991, p. 288).

Biderman assinala ainda que a pesquisa realizada por Soares da Silva evidenciou que a distinção entre polissemia e homonímia ao nível da teoria linguística não só é possível como necessária. “Os critérios teóricos propostos apresentam resultados adequados à realidade destes fenômenos e a sua operacionalidade poderá e deverá ser experimentada pelo lexicógrafo” (SOARES DA SILVA, 1989, p. 10-11, apud BIDERMAN, 1991).

Zavaglia (2003), por sua vez, ao discorrer sobre o critério etimológico, ressalta a dificuldade em escolhê-lo e, também, que é bastante comum, entre os especialistas, a sua não aceitação. A autora pondera que esse é o mais utilizado para se fazer a distinção de um item lexical homônimo de um polissêmico. No entanto, como em português as pesquisas etimológicas são escassas e insuficientes para que se possa oferecer segurança e credibilidade aos estudos referentes à origem de uma palavra, “torna-se difícil adotar como critério básico de identificação de um item lexical, o estudo diacrônico” (ZAVAGLIA, 2003, p. 01). Ainda de acordo com a pesquisadora, o que se espera é que se pese os pontos positivos e os negativos de qualquer parâmetro adotado em uma pesquisa.

Retomando Lyons (1987, p. 111), “talvez devêssemos nos contentar com o fato de que o problema da distinção entre homonímia e polissemia seja, em princípio, insolúvel”. No entanto, assim como Biderman (1984; 1991; 1998), entendemos que ao aprender de uma língua, seja ela materna ou estrangeira, os valores semânticos de uma palavra são mais produtivos e pragmáticos numa perspectiva sincrônica, pois o aprendiz precisa resolver suas dúvidas relacionadas aos significados, ou outra informação de natureza linguística, como de uso, por exemplo, no momento da consulta. Nesse contexto, e na sequência deste artigo, apresentamos os procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa, assim como os resultados alcançados.

Da pesquisa semântica: procedimentos metodológicos

Considerando os objetivos estabelecidos para o desenvolvimento da investigação, com base no relato de Biderman (1991) sobre a pesquisa empírica de Soares da Silva, no princípio da “divergência semântica”, de Ullmann (1984), e no critério da “consciência linguística dos usuários”, de Werner (1982), desenvolvemos a pesquisa com vistas a verificar em que medida um falante não inserido nos estudos linguísticos da língua portuguesa consegue diferenciar uma ULH de uma unidade léxica polissêmica. Para tanto, realizamos a investigação com alunos dos primeiros anos dos cursos de Matemática, História e Geografia de uma universidade pública brasileira, especificamente em agosto de 2017.

Para a realização da pesquisa, adotamos os seguintes procedimentos:

- i. Escolha aleatória de dez unidades léxicas que podem ser consideradas formas homônimas homógrafas homófonas ou polissêmicas: banco, coma, cola, manga, pia, cedo, canto, leve, verão, gato.
- ii. Organização de 21 pares de orações. Para tal procedimento, utilizamos, quando possível, os exemplos de uso disponíveis no dicionário de Biderman (1998).
- iii. Aplicação, *in loco*, do questionário impresso ao público mencionado no primeiro parágrafo desta subseção.

As 21 orações foram reorganizadas em dez grupos, de acordo com as unidades léxicas mencionadas, de forma que na Palavra-chave 1, “banco”, foram agrupados todos os pares com a unidade léxica *banco*; na Palavra-chave 2, “coma”, foram agrupadas as orações referentes à unidade léxica *coma*, e assim por conseguinte⁷. A título de exemplo, expomos a seguir o primeiro grupo, no formato apresentado no questionário aos alunos, seguido das explicações necessárias para o melhor entendimento do questionário:

⁷ Os outros grupos são: palavra-chave 3: cola; palavra-chave 4: manga; palavra-chave 5: pia; palavra-chave 6: cedo; palavra-chave 7: canto; palavra-chave 8: leve; palavra-chave 9: verão; e palavra-chave 10: gato.

Palavra-chave 1: banco

Frases⁸:	Par 1	No jardim da praça há vários banco s (biderman, 1998, p. 135). Os banco s de areia dificultam a navegação (biderman, 1998, p. 135).
Há relação de sentido entre as palavras destacadas?		Sim () Não ()
Qual o grau de relação de sentido entre as palavras destacadas? Marque o número que melhor representa seu entendimento.		
0 () 1 () 2 () 3 () 4 ()		

Frases:	Par 2	O banco Santander tem centenas de sucursais pelo país (Adaptado de Biderman, 1998, p. 135). No jardim da praça há vários banco s (Biderman, 1998, p. 135).
Há relação de sentido entre as palavras destacadas?		Sim () Não ()
Qual o grau de relação de sentido entre as palavras destacadas? Marque o número que melhor representa seu entendimento.		
0 () 1 () 2 () 3 () 4 ()		

Frases:	Par 3	No jardim da praça há vários banco s (Biderman, 1998, p. 135). Eu banco as despesas da festa.
Há relação de sentido entre as palavras destacadas?		Sim () Não ()
Qual o grau de relação de sentido entre as palavras destacadas? Marque o número que melhor representa seu entendimento.		
0 () 1 () 2 () 3 () 4 ()		

A primeira pergunta, “há relação de sentido entre as palavras destacadas?”, objetivou verificar se para o informante as palavras em destaque possuem algum tipo de relação semântica. Desse modo, consideramos um caso de homonímia quando, para a maioria dos informantes, não há nenhum vínculo semântico entre as unidades léxicas, e polissemia quando, também para a maioria, há algum tipo de associação.

A segunda pergunta e orientação, “qual o grau de relação de sentido entre as palavras destacadas? Marque o número que melhor representa seu entendimento”, visou entender o grau de si-

⁸ Como os informantes não tinham conhecimento da origem do termo *banco*, aplicamos o termo *frase* e não *oração*, para evitar possíveis dúvidas de ordem gramatical.

deram haver relação de sentido entre as UL em destaque. Desse modo, 0 corresponde à inexistência e 4 ao grau máximo de relação de sentido entre as UL.

Após a organização do questionário, estabelecemos contato com os coordenadores dos cursos de Matemática, Geografia e História da Universidade, para que pudéssemos realizar a pesquisa junto aos acadêmicos. Ao adentrar as respectivas salas de aula, explicamos aos alunos que estávamos realizando uma pesquisa na qual precisávamos que respondessem um questionário. Ressaltamos a não obrigatoriedade da participação, mas que seria muito importante para que pudéssemos coletar os dados e continuar com nossa pesquisa. Outrossim, enfatizamos que não necessitavam se identificar no questionário, apenas colocar a série em curso. Ressaltamos ainda aos informantes que não havia certo ou errado em suas possíveis respostas e sim o entendimento deles sobre as palavras em destaque nos pares de frases. Além disso, informamos que, após responderem o questionário, explicaríamos detalhes sobre a investigação e que não o faríamos antes para não interferir em suas respostas.

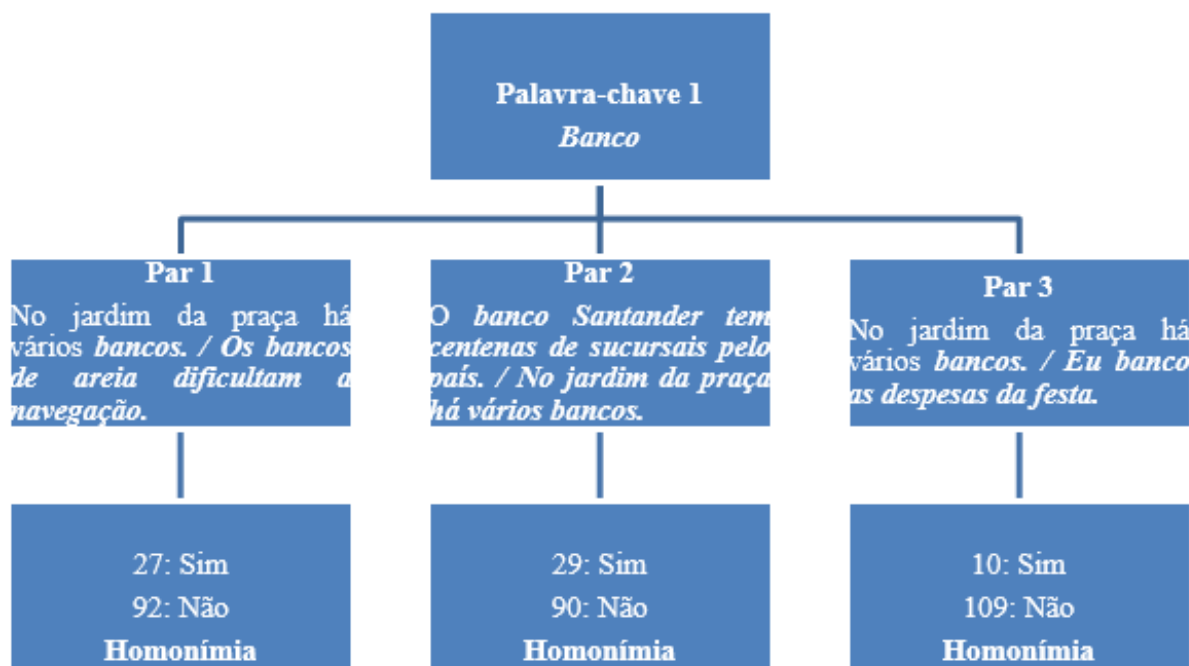
Em face dos resultados obtidos por meio dos questionários aplicados aos 119 informantes, pudemos constatar a pertinência de considerar uma unidade léxica como um caso de homonímia, partindo, pois, de princípios teóricos e metodológicos de natureza sincrônica para sua delimitação, a exemplo dos mencionados anteriormente. Na sequência, discorreremos sobre os resultados alcançados com base em nossas análises.

Da análise dos dados

Como forma de expor os resultados alcançados a partir dos questionários aplicados, elaboramos dez organogramas para a apresentação dos dados quantitativos⁹ e, conseqüentemente, nossas reflexões:

⁹ Para os dados quantitativos demonstrados por meio dos organogramas, consideramos os dados obtidos a partir da primeira questão do questionário, a saber: "há relação de sentido entre as palavras?".

Figura 1: Unidade léxica *banco*



Fonte: Pereira (2018, p. 82).

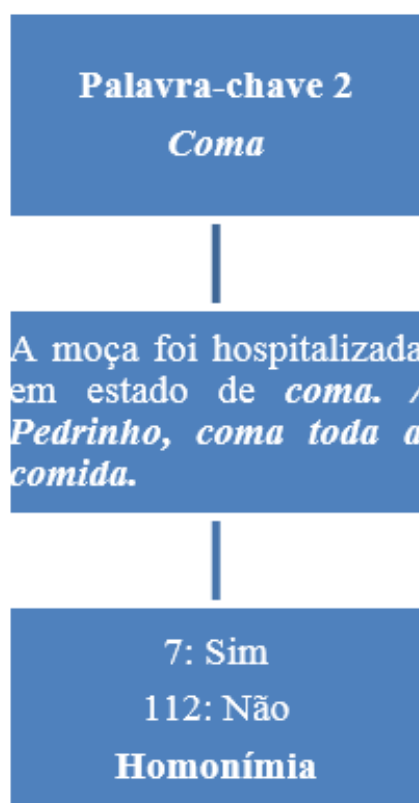
Os dados obtidos para a unidade léxica *banco* possibilitam-nos entendê-la como um caso de homonímia, pois das 119 respostas dadas para cada par de orações, respectivamente 78%, 76% e 92% delas foram consideradas pelos informantes como não possuidoras de relação de sentido entre as palavras.

Dos três pares de orações, tivemos como hipótese que o primeiro seria um caso de polissemia por dois motivos: i) o *banco de areia* de um córrego ou rio permite que caminhemos por ele ou até mesmo nos assentemos para tomar um banho de sol, como já o fizemos à época de nossa infância e juventude; ii) as embarcações podem ser impedidas de continuar a navegação quando se defrontam com um *banco de areia*, de modo que acabam se assentando no local até que o nível da água suba ou alguma ajuda surja para desencilhar a embarcação.

No entanto, nossa hipótese foi refutada. Inferimos, contudo, dois motivos: i) devido à tenra idade da maioria dos informantes, e que talvez não tenham tido a oportunidade de vivenciar contextos

semelhantes ao narrado no parágrafo anterior; ou ii) o Par 1 foi o primeiro a ser analisado pelos informantes. Pode ser que pela insegurança ao responder às perguntas não tenham refletido sobre as duas unidades nos respectivos contextos apresentados. Na continuidade da pesquisa, inverteremos os pares para verificar se nossa hipótese procede.

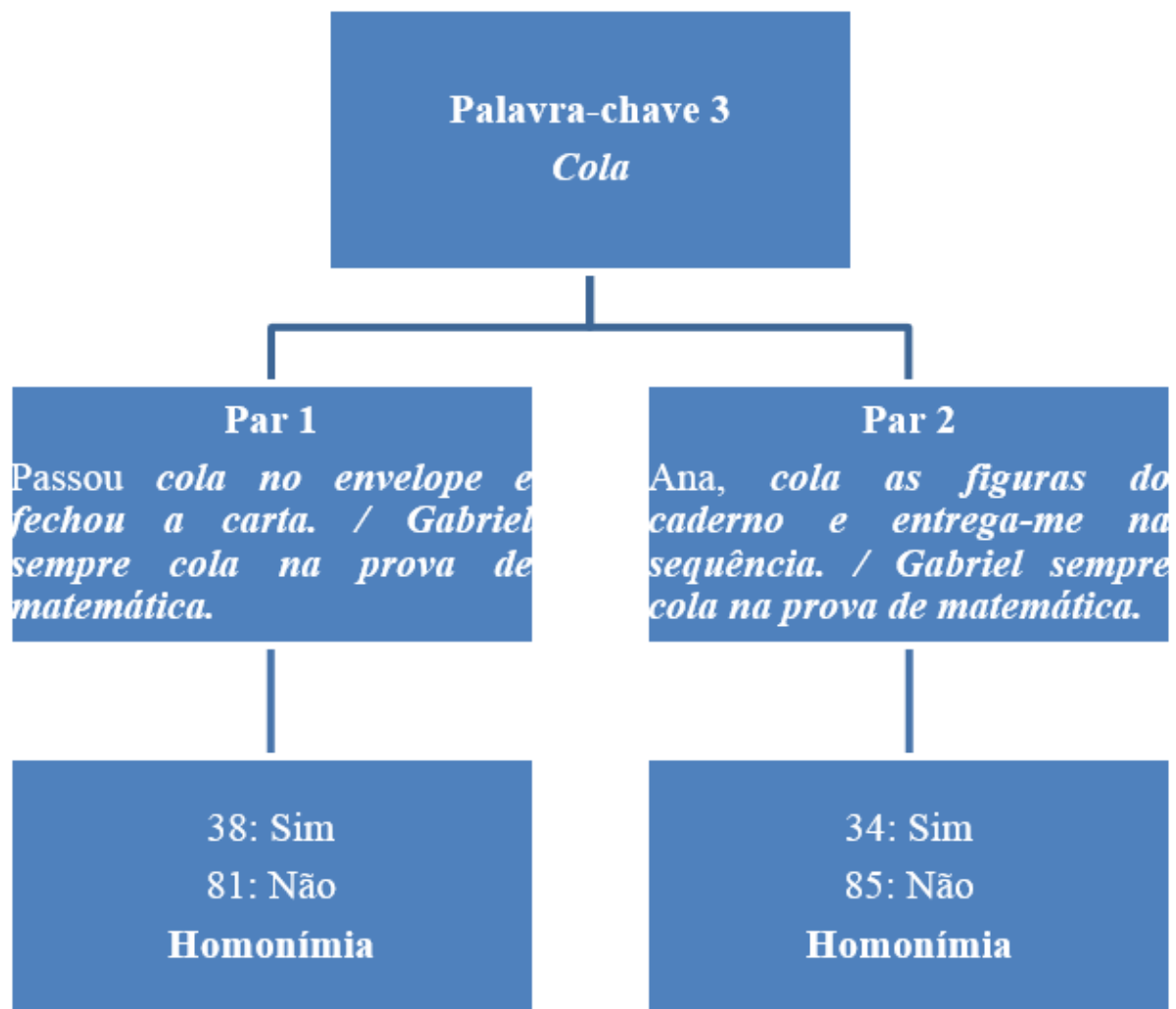
Figura 2: Unidade léxica *coma*



Fonte: Pereira (2018, p. 83)

No grupo 2, tivemos a confirmação de 94% dos inquiridos de que a unidade léxica *coma* trata-se de uma homonímia da língua portuguesa. Além de pertencerem a categorias gramaticais diferentes, não possuem nenhum vínculo semântico para a maioria dos informantes.

Figura 3: Unidade léxica *cola*



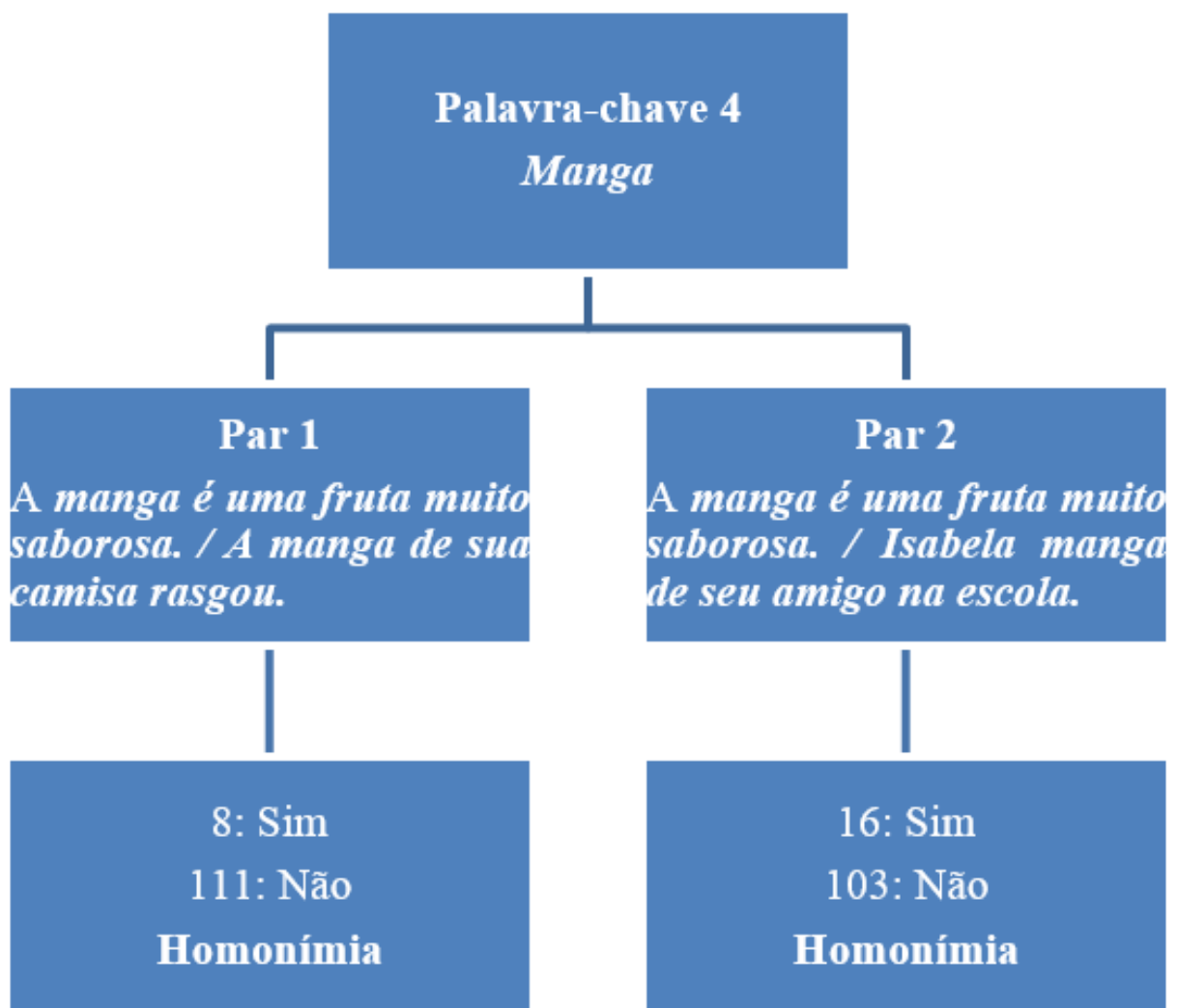
Fonte: Pereira (2018, p. 84).

Os dados do terceiro grupo, exibidos no organograma da Figura 3, demonstram-nos casos de homonímia, uma vez que os informantes entenderam não haver relação de sentido entre as unidades léxicas analisadas em 68% e 77% das respostas, respectivamente.

Todavia, chamamos a atenção ao fato de ter havido um considerável número de informantes que entendem haver relação semântica entre as palavras nos pares de orações, mais especificamente 32% e 23% das respostas. É possível que o relevante número de respostas positivas se deu pelo fato de ter havido ana-

logia entre a *cola*, líquido geralmente espesso que serve para fixar objetos em superfícies lisas; a *cola*, do verbo *colar* que, no português do Brasil, remete ao ato de copiar a resposta do colega em uma situação de prova; e o ato de colar/fixar alguma coisa em algum lugar.

Figura 4: Unidade léxica *manga*

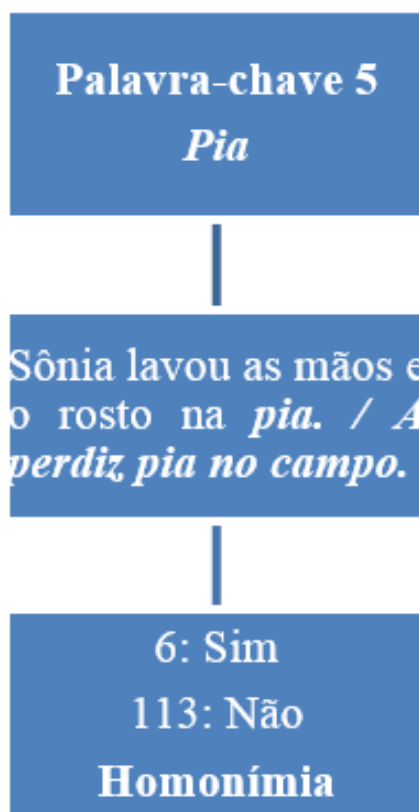


Fonte: Pereira (2018, p. 85).

A unidade léxica *manga*, como demonstrada na Figura 4, resulta em uma homonímia, pois obteve respostas negativas em 94% no primeiro par e 87% no segundo. Notemos, neste caso, que em-

bora uma unidade léxica proceda de étimos distintos, a exemplo de *manga*¹⁰, não significa ser pertinente considerar uma unidade léxica como homonímia somente pelo critério etimológico quando se trata do inventário de candidatos a formas homônimas para dicionários pedagógicos. Afinal, como já ressaltamos anteriormente, para o aprendiz de línguas, o que lhe importa são os significados que uma lexia possui no momento da consulta e, consequentemente, os efeitos de sentidos possíveis pelo uso adequado da palavra.

Figura 5: Unidade léxica *pia*



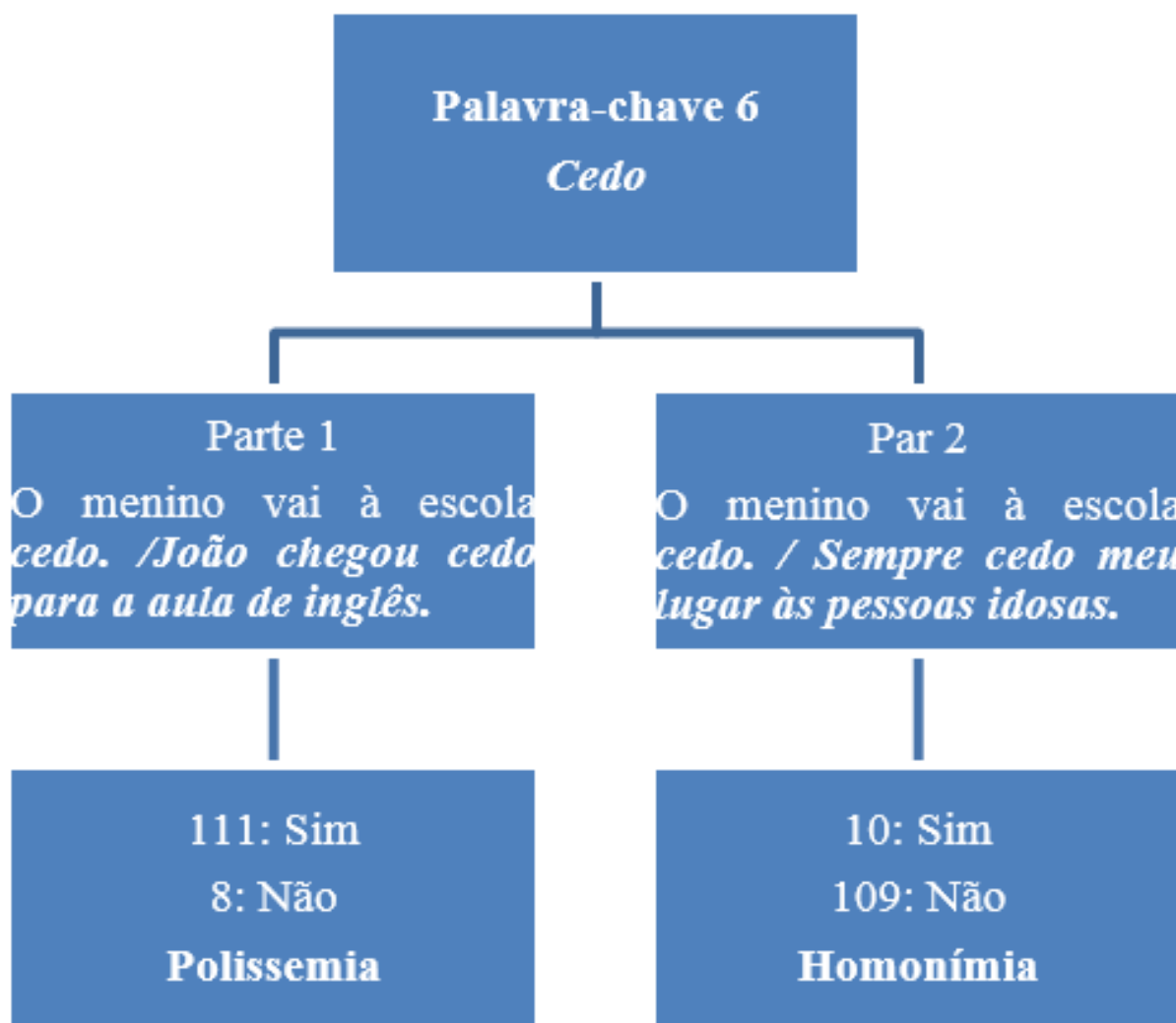
Fonte: Pereira (2018, p. 86)

Da mesma forma que as ULH analisadas anteriormente, a lexia *pia* caracteriza-se como um caso de homonímia. Das 119 res-

¹⁰ *manga* sf. 'fruto da mangueira'. [...] Do malaiala *mangā*. [...] e *manga* sf. 'parte da vestimenta onde se mete o braço' [...]. Do lat. *Manica*, de *manus* 'mão' [...] (CUNHA, 2010, p. 406).

postas, 95% delas foram negativas, comprovando seus significados distintos em relação ao significante em questão.

Figura 6: Unidade léxica



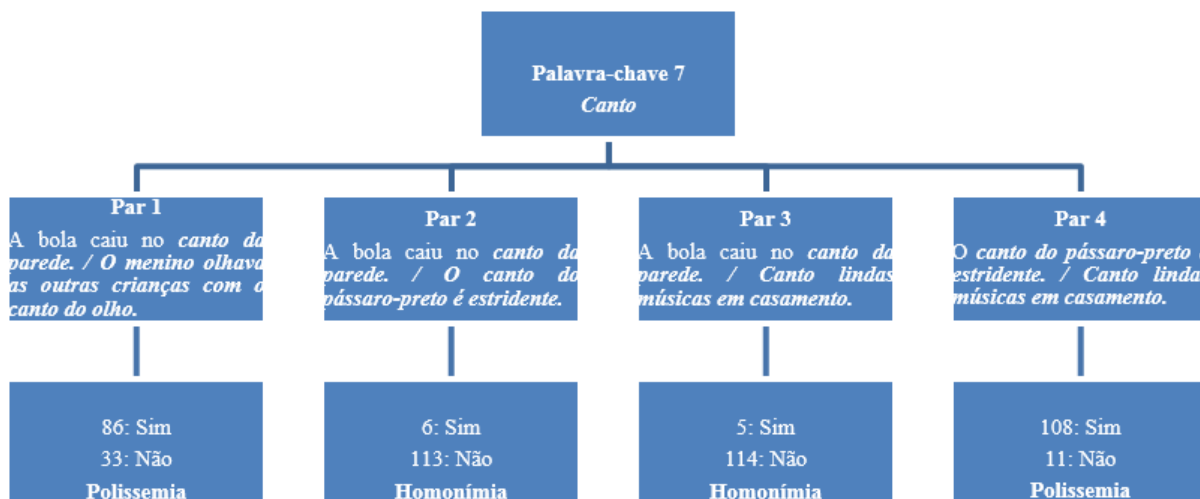
Fonte: Pereira (2018, p. 86)

Os dois pares de orações para cedo evidenciaram os valores polissêmico e homonímico, respectivamente. Observemos que no primeiro par temos uma situação de polissêmia, pois 94%¹¹ das respostas foram positivas, restando somente 6% de negativas. Já

¹¹ Os graus de similaridade para os informantes foram os seguintes: grau 1 / 4 informantes; grau 2 / 29 informantes; grau 3 / 28 informantes; grau 4 / 50 informantes.

para o segundo par, identificamos uma situação de homonímia, em razão dos 92% de respostas negativas e somente 8% positivas.

Figura 7: Unidade léxica *canto*



Fonte: Pereira (2018, p. 87).

Os valores semânticos de *canto* permitiram-nos constatar, assim como na unidade léxica *cedo*, que a depender do contexto em que a palavra esteja inserida podemos reconhecê-la como polissemia ou homonímia. A esse respeito, ressaltamos as palavras de Zavaglia (2002) que, ao discorrer sobre a homonímia entre o sistema e a norma linguística, levanta a hipótese de que

se a homonímia é o fenômeno em que se tem um significante para dois significados radicalmente diferentes, ou seja, sem compartilhamento de traços comuns, a sua existência dar-se-á no nível do discurso, pois será o contexto no qual um homônimo encontrar-se-á inserido que determinará a sua realização ou como *lexia*¹ ou como *lexia*² e assim sucessivamente para tantos quantos forem seus significados. A questão que surge, porém, é a seguinte: serão as realizações homonímicas de uma *lexia* comprovadas pelo seu uso, ou seja, pela norma linguística de uma comunidade, ou serão possibilidades e liberdades que o sistema linguístico possibilita? [...] (ZAVAGLIA, 2002, p. 98).

Notemos pelos dados apresentados que o contexto parece delimitar alguns casos especiais de homonímia. Em *canto*, por exemplo, identificamos uma situação que merece um pouco mais de atenção. No primeiro par, detectamos que, das 119 respostas, 73%¹² delas são positivas e 27% negativas, o que nos permite entender *canto* nesse contexto como um caso de polissemia. Ainda assim, vale destacar a considerável produtividade de respostas negativas para “[...] *canto* da parede” x “[...] *canto* do olho”. Consideramos um número elevado de respostas negativas, uma vez que em ambos os casos estamos diante de um mesmo ângulo ou área que mantêm características semelhantes e que somente são de referentes distintos.

Nos dois pares seguintes, percebemos dois casos de homonímia. No segundo par, identificamos duas formas substantivas com significados praticamente sem nenhuma relação de sentido para os informantes. Ou seja, houve 95% de respostas negativas e 5% de positivas. No terceiro par, com 96% de respostas negativas e somente 4% positivas, estamos diante de uma forma substantiva e outra verbal, mas de significados completamente distintos para os inquiridos, o que confirma que a unidade léxica *canto* nesses dois contextos resulta em uma homonímia.

O quarto par “O **canto** do pássaro-preto [...]” e “**Canto** lindas músicas [...]” levou-nos a refletir a respeito de alguns princípios teóricos. Observemos nesse caso haver uma relação de sentido entre as duas formas, ainda que sejam de categorias gramaticais diferentes. Do total de respostas, 91%¹³ delas foram positivas e 9% negativas. Os dados permitem que reconheçamos *canto* substantivo e *canto* forma verbal como casos de polissemia e não homonímia como sugerem Biderman (1978) e Zavaglia (2003), por exemplo.

Para Biderman (1978, p. 128), os “homônimos são palavras que têm formas idênticas, mas que expressam conteúdos distin-

12 Das 86 (oitenta e seis) respostas afirmativas, tivemos os seguintes resultados com relação aos graus de similaridade entre as unidades léxicas para os informantes, a saber: grau 1 / informantes 11; grau 2 / informantes 33; grau 3 / informantes 24; e grau 4 / informantes 18.

13 Houve os seguintes resultados dos graus de similaridade para os informantes: grau 1 / informantes 3; grau 2 / informantes 22; grau 3 / informantes 36; e grau 4 / informantes 47.

tos. Em outras palavras: os significantes idênticos se referem a significados diferentes”, de forma que, para a lexicógrafa, há três tipos de itens homônimos:

- i. Homônimos léxicos, quando se incluem em uma classe sintática e possuem significados distintos, como em *canto*¹ (s.m. ângulo, esquina, lugar retirado) X *canto*² (s.m. som musical, música vocal).
- ii. Homônimos sintáticos, quando pertencem a classes sintáticas diferentes, a exemplo de *canto*¹ (s.m. ângulo, esquina, lugar retirado) X *canto*³ (1ª pessoa singular do Presente do Indicativo do verbo cantar).
- iii. Homônimos morfológicos, que são de mesma classe sintática e se referem a categorias gramaticais diversas, por exemplo: *nós amamos*¹ (v. 1ª pessoa do plural do Presente do Indicativo) X *nós amamos*² (1ª pessoa do Pretérito Perfeito).

Zavaglia (2003), ao discorrer sobre a homonímia, mais especificamente sobre a *Homonímia Lexical*, apresenta-nos os seguintes postulados teóricos para as lexias homógrafas:

- a. são distintas quanto ao seu significado e idênticas, tanto oralmente como gramaticalmente, caso esse denominado de *Homonímia Semântica*; como:

banco¹: “objeto feito para sentar” X **banco**²: “lugar em que se deposita dinheiro”

ponto¹: “porção do espaço designada com precisão” X **ponto**²: “grau determinado numa escala de valores” X **ponto**³: “cada parte de um discurso, texto, de uma lista de assuntos de um programa” X **ponto**⁴: “cada extensão do fio de linha entre dois furos feitos por uma agulha”

importar¹: “trazer algo de outro país” X **importar**²: “ser necessário, valer”

- b. são distintas quanto ao fato de pertencerem a classes gramaticais diversas e serem idênticas oralmente, caso esse denominado de *homonímia Categorical*, como:

abandono¹: (substantivo) X **abandono²**: (verbo)

ameaça¹: (substantivo) X **ameaça²**: (verbo)

- c. são distintas quanto ao seu étimo e idênticas oral e graficamente, caso esse denominado de *Homonímia Etimológica*, como:

Manga¹: “fruto” [Do malaiala manga.] X **manga²**: “parte do vestuário” [Do lant. Manica, ‘manga de túnica’.]

- d. são distintas na sua realização oral, caso esse denominado de *Homonímia Heterófona*¹⁴, nas quais o substantivo realiza-se fonicamente como [e] e o verbo como [ɛ] ou [ɔ] como nos seguintes exemplos:

apelo¹ (substantivo) X **apelo²** (verbo)

aperto¹ (substantivo) X **aperto²** (verbo)

gosto¹ (substantivo) X **gosto²** (verbo)

choro¹ (substantivo) X **choro²** (verbo)

(ZAVAGLIA, 2003, p. 250-251).

De acordo com os tipos de homônimos demonstrados por Biderman (1978) e Zavaglia (2003), no par de orações de número 4 teríamos um caso de *homônimos sintáticos*, conforme os postulados de Biderman (1978); ou um caso de *homonímia categorial*, de acordo com Zavaglia (2003). Ressaltamos, nesse contexto, que as unidades terminológicas¹⁵ apresentadas pelas autoras, ainda que diferentes, denominam um mesmo fenômeno homonímico, ou seja, uma lexia que pertence a categorias gramaticais distintas, no caso, substantivo e verbo. No entanto, pelos resultados obtidos com a pesquisa, identificamos um caso de polissemia, como demonstramos pelos dados apresentados anteriormente.

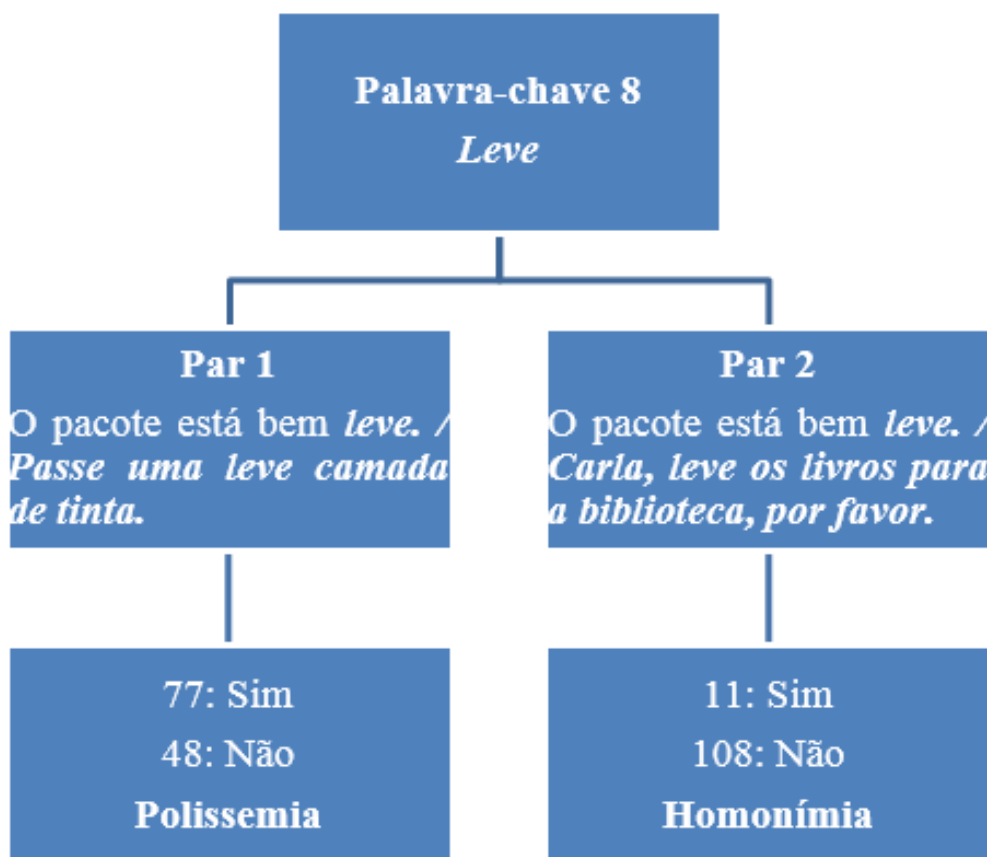
¹⁴ Forma que possui grafia idêntica à de uma outra forma e ambas se pronunciam diferentemente (ZAVAGLIA, 2003, p. 251).

¹⁵ Por *unidades terminológicas*, referimo-nos a uma, duas ou mais palavras que juntas cumprem a função de termos de uma determinada área técnica ou ciência e que possuem unidade de sentido. Neste texto, *homônimos léxicos*, *homônimos sintáticos*, *homonímia categorial etc.*, são exemplos de unidades terminológicas da Semântica, uma subárea da Linguística Geral. Para mais informações sobre unidades léxicas ~ *unidades terminológicas*, conferir Mornate Vallejo (2005), Biderman (2005), Cabré (1999), Nadin (2013), Pereira; Nadin (2017)

Enfatizamos, nesse cenário, que no âmbito da Linguística Cognitiva o fenômeno de polissemia e homonímia não é exclusivo das categorias lexicais. Silva (2006, apud BATORÉO, 2009, p. 116) esclarece que, para os falantes nativos, o uso efetivo de unidades léxicas polissêmicas e homonímicas não causa confusão, pois reconhecem se os dois sentidos de uma mesma forma estão relacionados ou não. Mas que o mesmo não acontece com falantes “não-nativos”, uma vez que não dispõem das mesmas capacidades intuitivas ao nível de uma língua que não é a sua língua materna.

Em face do exposto sobre esse caso, sugerimos que os casos de *homonímia sintática/homonímia categorial* que possuam algum tipo de relação semântica sejam considerados e tratados como casos de polissemia no âmbito da LEXPED. Do mesmo modo, aventamos o mesmo procedimento para os casos de homonímia morfológica.

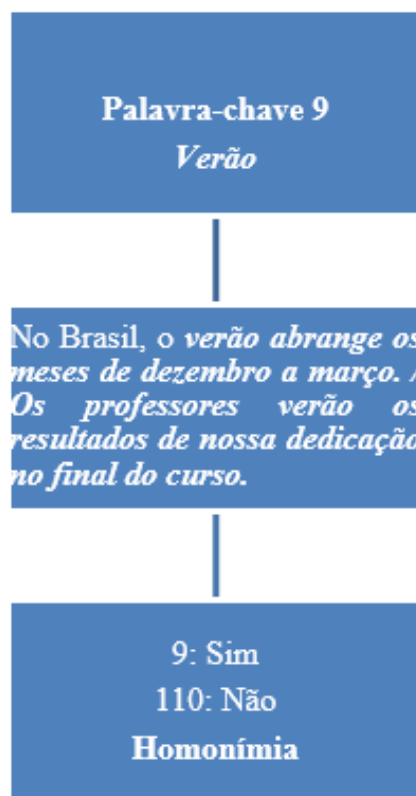
Figura 8: Unidade léxica *leve*



Fonte: Pereira (2018, p. 90).

Atentemos para o fato de que o primeiro par de orações demonstra-nos um caso de polissemia, pois obteve 65%¹⁶ de respostas positivas e 35% de negativas, ou seja, para a maioria dos informantes, a unidade léxica *leve* nos dois exemplos utilizados possui relações semânticas, ainda que em maior ou menor grau, conforme demonstramos pela nota de rodapé de número 16. A significativa produtividade de respostas negativas também nos chamou a atenção. Com a continuidade da investigação, esperamos verificar se a constatação aqui apresentada se confirma. Já o segundo par de orações evidencia-nos um caso de homonímia pela considerável quantidade de respostas negativas, 91%, restando apenas 9% de respostas positivas.

Figura 9: Unidade léxica *verão*

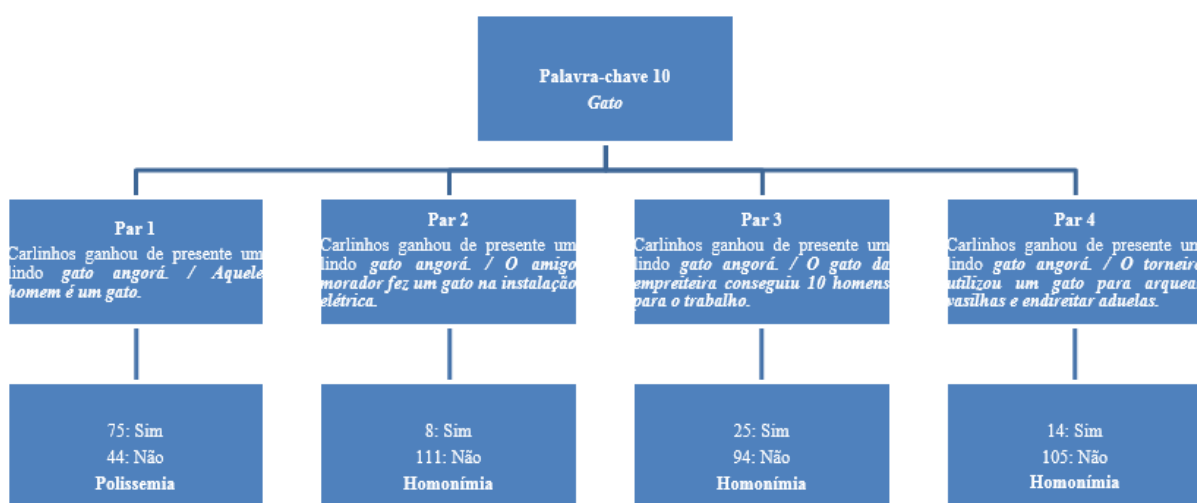


Fonte: Pereira (2019, p. 91).

¹⁶ Os graus de similaridades para os informantes tiveram os seguintes resultados: grau 1 / informantes 16; grau 2 / informantes 31; grau 3 / informantes 13; grau 4 / informantes 17.

Com 93% de respostas negativas, *verão*: substantivo e *verão*: verbo configuram-se como casos típicos de homonímia. Consideramos que casos como esses possuem especial importância no âmbito dos dicionários pedagógicos direcionados a aprendizes de língua estrangeira, como demonstramos pelos parâmetros de organização hiper, macro e microestrutural que apresentamos para o cenário da LEXPED (PEREIRA, 2018).

Figura 10: Unidade léxica *gato*



Fonte: Pereira (2018, p. 92).

Em 65%¹⁷ das respostas positivas para o primeiro par de orações, encontramos o entendimento por parte dos informantes de que existe relação entre o gato ~ homem bonito e gato ~ animal mamífero. E 35% de respostas negativas, ou seja, para 44 informantes não há relação de sentido entre as duas unidades léxicas.

Analisando as respostas a partir dos questionários aplicados, identificamos que os quarenta e quatro alunos que nos possibilitaram respostas negativas são do sexo masculino, o que nos levou à seguinte inferência: mesmo sabendo da analogia existente na sociedade entre o gato ~ animal e o gato ~ homem bonito, a maioria dos informantes do sexo masculino não quis expressar o entendi-

¹⁷ As respostas referentes ao grau de similaridade entre as unidades léxicas destacadas são: grau 1 / informantes 27; grau 2 / informantes 15; grau 3 / informantes 18; grau 4 / informantes 15.

mento global, e sim sua percepção particular enquanto ser humano do sexo masculino inserido numa cultura em que comparações desse tipo é vista para muitos como incoerente para um homem.

Já para os outros três pares de orações, detectamos três situações de homonímia, uma vez que houve 94%, 79% e 89%, respectivamente, de respostas negativas, o que caracterizou a unidade léxica *gato* um caso de homonímia nesses contextos.

Considerações finais

Em conformidade com os objetivos estabelecidos para este artigo, discorreremos sobre as bases teóricas e metodológicas utilizadas para a realização da pesquisa, assim como apresentamos os resultados alcançados. Com as reflexões realizadas, a partir das análises dos dados, discutimos possibilidades de delimitação homonímica, sobretudo para dicionários pedagógicos. Para tanto, objetivamos verificar em que medida o falante de uma língua consegue diferenciar uma unidade léxica homônima de uma unidade léxica polissêmica, independente das origens que a lexia possui.

Ao partirmos do princípio da divergência semântica de Ullmann (1964) e do critério da consciência linguística do falante, elencado por Werner (1982), e também das constatações apresentadas neste texto, por meio das análises dos dados, ressaltamos a pertinência de considerarmos como casos de homonímia para a Lexicografia Pedagógica todas as unidades léxicas que, numa perspectiva sincrônica, não possuam relação de sentido. A continuação da pesquisa, em diferentes contextos e línguas, permitirá a consolidação e ampliação das reflexões e dos resultados alcançados até o momento.

Nesse contexto, e para finalizar nossas reflexões, utilizamos as palavras de Batoréo (2009), que ressalta ser o metaconhecimento uma necessidade que se revela com particular importância no caso de falantes que não são nativos e que aprendem uma língua

nova. Por não possuírem “intuição dos nativos, precisam de ferramentas ‘mensuráveis’, reais e concretas que lhes possam servir como auxiliar na aprendizagem” (BATORÉO, 2009, p. 123). Ou seja, quanto mais funcional e pragmático estiver organizado um repertório lexicográfico de natureza didática, melhor estará cumprindo sua função pedagógica nos diferentes contextos de ensino e de aprendizagem de línguas.

Referências

BATORÉO, Hanna. Entre dois fogos ou a pertinência do **continuum** entre polissemia e homonímia. Visão escalar na abordagem teórica em Linguística Cognitiva aplicada ao ensino do Português língua não-materna. In.: **Textos Seleccionados. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Lisboa, 2009, APL: 115-124.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Polissemia versus homonímia. In.: **Anais do Seminário do Gel XXXVIII**, Franca: Unifran – União das Faculdades Franciscanas, 1991.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. A ciência da Lexicografia. In.: BIDERMAN, M. T. C. **Lexicologia e Lexicografia**. Alfa, 28, 1984. (Suplemento): 1 – 26.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. **Dicionário Didático de Português**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. **Teoria Linguística: linguística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Unidades complexas do léxico. In: RIO-TORTO, G. et al. (org.) **Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. 1a ed. Porto (Portugal): Faculdade

de Letras da Universidade do Porto, 2005, p. 747–757.

CABRÉ, María. Teresa. **La terminología**: representación y comunicación. Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1999.

CASTILLO CARBALLO, M^a Auxiliadora. La macroestructura del diccionario. In.: MEDINA GUERRA, Antonia M. (coord.). **Lexicografía española**. Barcelona: Editorial Planeta, S. A., 2003.

CLAVERÍA, Gloria; PLANAS, Carmen. La homonimia en la lexicografía española. In.: **Nueva revista de filología hispánica**. T. 49. N^o 2, 2001.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Revista pela nova ortografia. – Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

LYONS, John. *Semântica*. Vol. 1. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1977.

LYONS, John. **Linguagem e linguística**: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MORANTE VALLEJO, Roser. **El desarrollo del conocimiento léxico en segundas lenguas**. Madrid: Arco Libros, S.L., 2005.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; ZAVAGLIA, Claudia. Questões teóricas específicas. In.: XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philipe René Marie. **Dicionários na teoria e na prática**: como e para quem são feitos. São Paulo: Parábola, 2011.

PEREIRA, Renato Rodrigues. **O dicionário pedagógico e a homonímia**: em busca de parâmetros didáticos. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras: Araraquara, 2018, 209 p.

PEREIRA, Renato Rodrigues; NADIN, Odair Luiz. Taxionomias toponímicas e relações com a Terminologia. **Revista de Estudos da**

Linguagem. Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 217-243, 2017.

NADIN, Odair Luiz. A variação denominativa em terminologia: a problemática das siglas. In.: MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; NADIN, Odair Luiz. **Terminologia: uma ciência interdisciplinar.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

PORTO DAPENA, José-Álvaro. **Manual de técnica lexicográfica.** Madrid: ARCO/LIBROS, S. A., 2002.

ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado.** Tradução de J.A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

WERNER, Reinhold. Lexico y teoria general del lengage. In: HAENSCH, G. et al. **La Lexicografia. De la Lingüística teórica a la Lexicografia práctica.** Madrid: Editorial Gredos: 20- 94, 1982.

ZAVAGLIA, Cláudia. **Análise da Homonímia no português:** tratamento semântico com vistas a procedimentos computacionais. (Tese de doutorado). São José do Rio Preto: UNESP, 2002.

ZAVAGLIA, Cláudia. **Ambiguidade gerada pela homonímia:** revisitação teórica, linhas limítrofes com a polisemia e proposta de criterios distintivos. DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 1, n. 19, 2003, p. 337 – 266.

ZAVAGLIA, Claudia; MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Questões teóricas específicas. In.: XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie. **Dicionários na teoria e na prática:** como e para quem são feitos. São Paulo: Parábola, 2011.